Carlos Vieira/CB/D.A Press



Isabella Peixoto, (flauta), Aurora Baumgarten (pandeiro) Joao Marcelo Gomes (Violão) representam a nova geração da Escola Brasileira de Choro

Com quase 30 anos de existência, a Escola Brasileira de Choro forma a nova geração de músicos que mantém a tradição do gênero musical viva no país

A força jovem do chorinho

» JÚLIA COSTA*

O rock brasileiro foi o principal motivo para que João Marcelo Gomes, de 15 anos, começasse a se interessar por música. Fã do Legião Urbana queria aprender guitarra, mas via no violão um primeiro passo. "Comecei a treinar com um violão bem velhinho que tinha em casa, mas não tinha achado uma adaptação certa. Peguei para treinar e consegui achar meu jeitinho", conta João que nasceu sem parte do braço direito.

Vendo o interesse do filho, o pai de João comprou outro violão para que ele pudesse praticar. Estudou sozinho pela internet até que a mãe, Elaine, comentou com um professor da Escola Brasileira de Choro sobre a paixão do jovem pela música. "O João é uma pessoa com deficiência, não tem um braço. O professor ficou interessado em conhecê-lo, saber como ele tocava", conta a empresária de 46 anos. Com o contato, o adolescente recebeu uma bolsa para estudar o instrumento no local.

Ainda no início do aprendizado, o jovem precisou adaptar a forma de tocar. "Quando era criança, tentava com a mão esquerda e não conseguia, até que achei o jeito com a direita. Bato nas cordas com esses dedinhos na ponta da mão", explica.

Para ele, as aulas representam uma evolução drástica na jornada como instrumentista. A transição do rock, paixão inicial, para o chorinho não foi problema: desde criança, foi acostumado pelos pais com uma playlist eclética que variava dos ritmos mais pesados ao reaggae. Agora, é João quem inspira o amor pela música na família. Depois da entrada dele na escola, Elaine matriculou-se no curso de canto. "Sempre brincamos que vamos fazer uma dupla, ele no violão e eu cantando."

Para o garoto, a música já aparece como uma possibilidade profissional: "A minha vida é só música." João começou a compor no computador, por meio de aplicativos. No momento, a produção é voltada principalmente ao reggae, mas a música eletrônica também ganhou espaço. "Quando estou indo para escola, coloco no fone. No carro, coloco para minha mãe me escutar."

De geração em geração

Aurora Baumgarten, 13 anos, começou a tocar pandeiro por influência do avô, flautista desde a juventude e que cursou todos os níveis do instrumento na Escola Brasileira de Choro. "Ele sempre fez questão de que tivéssemos algum contato, mesmo que não fosse muito estruturado", conta Victoria, contadora e tia da jovem.

O chorinho entrou na vida da adolescente a partir das rodas semanais que os alunos promovem às quartas-feiras. O avô a buscava na escola, mas durante o trajeto para casa, passava no Clube do Choro para o evento. Com os encontros, começou a se interessar pelo instrumento que toca há mais de dois anos: primeiro praticou com um pandeiro emprestado, depois passou a frequentar cada vez mais as rodas de choro.

Como presente de Natal, ganhou o próprio instrumento e, neste ano, assim como o avô, virou aluna da Escola de Choro. "Nas rodas, tocava vez ou outra. Foram me chamando para entrar e agora participo de duas aulas: canto e prática de samba", explica. "Para mim, é como uma segunda casa. Porque a minha sempre teve muita, muita música mesmo."

Assim como João inspirou a mãe a começar as aulas de canto, Aurora levou a tia a começar o estudo do violão na escola. Victoria já fazia lições de canto há dois anos, mas nunca tinha tido contato com o instrumento. "Aurora já frequentava e era conhecida na escola. Ando com ela pelos corredores e todo mundo a cumprimenta", afirma. Agora, a contadora incentiva que todos tenham um contato mais próximo com a música: "É uma coisa que alimenta a alma."

Amor fora do comum

Isabella Peixoto, 10 anos, sempre foi exposta à música. Desde bebê, o pai, apaixonado por clarineta e flauta, colocava músicas instrumentais, brasileiras, e jazz, gênero que a filha é fã até hoje, para que ela escutasse. "Muitas vezes, as pessoas têm receio de colocar música para uma criança, acham que ela não vai entender tudo. Mas isso vai se desenvolvendo naturalmente", diz Luciana, mãe de Isabella.

Com o tempo, Isabella passou a ter um contato mais próximo com os instrumentos, brincando de duetos com o pai, que tocara clarinete em uma banda na juventude. Começou a ter aulas de piano e depois de flauta transversal, instrumento que estuda na Escola do Choro há três meses. "Decidimos colocá-la nas aulas porque ela precisa da música para se sentir feliz. Não é um sentimento normal, é uma coisa necessária", reflete a mãe.

Luciana conta que, para a filha, quanto maior o desafio, mais a jovem busca praticar. "Ela começa pelo inverso: primeiro o mais difícil e depois o básico", diz. Para Isabella, o som da flauta é o que mais a atrai para o instrumento. "Eu acho bonito e um pouco difícil também", conta sobre a flauta. Para ela, a música é algo que toca o espírito: "Acho que é algo que nos aproxima de Deus."

Décadas de tradição

Em 2028, a Escola do Choro completa 30 anos de fundação. Nesse tempo, Henrique Neto, hoje diretor do local, pôde observar a mudança no público interessado pelo chorinho em Brasília. "Hoje vemos que, pelo trabalho da escola, que vem renovando, colocando aulas de musicalização infantil, é uma coisa muito mais popular entre a juventude", conta. "Não é mais uma coisa tão inusitada ver um jovem tocando choro." A escola mantém uma estrutura pedagógica para desenvolver os jovens alunos não só musicalmente, mas em diversos aspectos da vida. "Trata-se de sociabilidade, sensibilidade e pertencimento", define.

Na atuação do Clube do Choro, Henrique destaca, principalmente, a importância de manter a música brasileira nos grandes palcos da cidade. "Se não for esse tipo de trabalho, as coisas vão ficando no esquecimento. Então, vemos que hoje o choro está crescendo a cada dia e, se você quiser, poderá ouvi-lo. Em Brasília tem muito choro acontecendo."

***Estagiária sob supervisão de Márcia Machado**